

CENSO

Rio de Janeiro, segunda-feira, 11 de novembro de 1991 • Ano I • nº 10 • IBGE

“São crises passageiras”

Geraldo França de Lima

“A importância do Censo é histórica. Os Censos começaram na antiguidade. É esse trabalho que determina a conduta do governo. O Censo é de uma necessidade absoluta. Não há nada tão necessário para a realização de um governo, de uma administração do que saber as condições que o ambiente apresenta. Eu espero que o Censo 91 venha dar ao brasileiro a noção exata do Brasil de hoje.

Acho que, na medida do possível, os resultados dos Censos anteriores vêm sendo bem aproveitados. Temos que considerar que em épocas passadas, como as décadas de 40 e 50, um recenseamento não contava com as condições que conta hoje – uso de computadores e máquinas para calcular, avanço da eletrônica. Hoje, o Censo tem uma condição material perfeita para produzir uma grande obra.

Eu tenho a impressão de que a primeira vez que fui recenseado, foi em Barbacena (MG). Não me recordo se foi o Censo de 40 ou 45, mas foi por essa época mesmo. Achei a experiência muito boa. Só não gostei de uma coisa – e da qual discordo até hoje – que era quando perguntavam se a pessoa era preta, mulata ou branca. O habitante do Brasil é um só. Você não deve discriminar o Censo, quantos pretos existem,

quantos mulatos existem. Não é nada disso. Você deve dizer no Censo de quanto é a população do País. Agora, em se tratando de estrangeiros, aí sim



O escritor Geraldo França de Lima, cadeira nº 31 da Academia Brasileira de Letras, acaba de lançar o romance *Rio da vida*

acho importante você saber qual o coeficiente alemão, a parcela italiana, portuguesa, árabe, etc. Isto está certo. Agora, quanto à cor... E religião, eu também não concordo que se pergun-

te. Religião é uma coisa íntima. Não importa saber se há um milhão de católicos ou cem milhões de protestantes ou de macumbeiros ou de espíritas. Isso não faz diferença. Mas esta é apenas uma opinião.

Acredito que o Censo possa contribuir para o desenvolvimento da cultura nacional. É evidente, natural. O objetivo do Censo, é esse.

Eu acho o Brasil um país extraordinário. Eu conheço o mundo, não há país igual ao Brasil. O que vem acontecendo são crises passageiras. Aqui se fala em crise, mas você vai a um cinema, está cheio; vai ao Teatro Municipal, está cheio; vai ao Maracanã está cheio; os restaurantes têm fila de espera, os botequins no final da tarde ficam cheios de gente bebendo chopp e conversando. Está todo mundo gastando dinheiro, então não há crise séria nenhuma. O que há é uma crise natural. As pessoas falam muito em violência. Pior do que eu já vi no mundo não há aqui. Agora é que está começando isso no País. Por exemplo, diante do que foi a América do Norte em 1926,

em Chicago, em Nova York, o Brasil é café pequeno!”

O depoimento foi à reporter
Márcia Grinspun.

Universidade descobre o Censo

Fernando Lemos/AJB



Pagamento dos recenseadores

O pagamento dos recenseadores já começou e está sendo colocado rigorosamente em dia. Por questões operacionais houve atrasos e a direção do IBGE, reconhecendo o problema, está efetuando os pagamentos com correção de 15% para atrasos superiores a 15 dias, e 20% para atrasos superiores a 30 dias, entre a solicitação e o depósito nas agências dos correios ou bancos.

Paraíba na pole

O estado da Paraíba foi o primeiro a encerrar o trabalho de coleta no Censo 91. Agora está sendo feita a revisão do material apurado nos questionários. Depois da Paraíba, os mais adiantados são Ceará, Distrito Federal e Santa Catarina.

O povo fala

“O Censo é para saber sobre a vida das pessoas. Com isso, o governo vai ficar sabendo que o pessoal está ganhando pouco por causa da inflação que está aí. De repente, quem sabe, ele toma alguma providência.” (Osmério Teixeira Queiróz, 30 anos, operador de máquina da Companhia de Limpeza Urbana / Comlurb-Rio)

Não era bem isso

Esta foi publicada na Gazeta do Povo, de Curitiba. Quando a recenseadora soube que o entrevistado tinha nove filhos, admitiu-se: “puxa, o senhor tem uma prole grande!”. Demonstrando não ter entendido o significado da palavra “prole”, o entrevistado respondeu com um sorriso malicioso: “Realmente, eu tenho uma prole enorme”.

Rolar ao meio

Aperto de verdade passou o recenseador Antonio Rodrigues, que trabalha na área da Cidade Nova, em Rio Branco, no Acre. Ao chegar em determinada casa uma mulher saiu de trás de uma moita com uma enorme foice e só não o atingiu porque ele se identificou como sendo do IBGE. “Queria mesmo era rolar ao meio o homem da companhia de água, que todo mês sapêca um aumento na conta” - justificou a indignada dona-de-casa.

O Censo 91 chegou às universidades em todo o Brasil onde, na área das ciências sociais e políticas desenvolvem-se trabalhos a partir de um perfil de Brasil que o Censo tende a retratar; e da própria dinâmica operacional do censo, enquanto técnica de contagem da população. É o caso da Unicamp e da USP, em São Paulo, e nas Universidades Federais de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Os alunos do 2º período do curso de Serviço Social, da Universidade Veiga de Almeida, zona norte do Rio, por exemplo, estão com o Censo na pauta das atividades para os períodos letivos de 91 e 92. Por iniciativa da professora Sulamita Bezerra de Lima, da cadeira de História do Serviço Social, 50 alunos estão fazendo um trabalho de retrospectiva dos censos brasileiros. O objetivo é elaborar um estudo comparativo dos censos demográficos e traçar o paralelo entre censos anteriores e o Censo 91. A turma foi dividida em dois

grupos: um avaliando os dados dos censos no Brasil e outro cuidando somente do Rio de Janeiro. Os grupos foram sub-divididos por décadas.

Ana Maria de Almeida, Sonia Nunes e Mônica Machado estão entre os universitários e professores que visitaram nossa redação e o Projeto Memória em busca de subsídios para pesquisa. “Estamos descobrindo coisas muito interessantes, como por exemplo, o fato de nos anos 60 existirem apenas 41.000 mulheres com curso superior contra 246.755 homens. Hoje não existe mais essa enorme diferença. A evolução da mulher é algo que tem nos chamado muita atenção.” - disse Ana Maria.

Conscientes da importância do Censo 91 para o País, universitários e acadêmicos consideram fundamental a análise de censos anteriores para uma melhor compreensão do momento atual. Segundo Mônica Machado, “só podemos estudar o Brasil de agora pelo Brasil de antigamente”.

Presidente da República
Fernando Collor de Mello
Ministro da Economia, Fazenda e Planejamento
Marcelo Marques Moreira

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

Presidente
Eduardo Augusto Guimarães

Diretor-Geral
José Guilherme Almeida dos Reis

Diretor de Pesquisas
Lenildo Fernandes Silva

Diretor de Geociências
Mauro Pereira de Mello
Diretor de Informática
Nuno Duarte da Costa Bitencourt

Superintendente do Centro de Documentação e Disseminação de Informações (CDDI)
Nelson de Castro Senra

censo
NOVEMBRO DE 1991, ANO 1 nº 10

Coordenadoria de Acompanhamento e Controle Operacional dos Censos /COC
Chefe da Coordenadoria
David Wu Tai

CENSO é uma publicação semanal da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, com distribuição gratuita em todo País. É produzido e editado pela COC/Comunicação.

Equipe
Editora: Lena Frias
Participaram desta edição: Cesar Costa; Corina Serpa; Marcia Grinspun (Redação); Pedro Paulo Machado, Felipe Graça Melo (Diagramação e Editoração Eletrônica); Mária Alonso, Patrícia Lobo (Composição); Augusto de Oliveira (Fotografia); Franklin Xavier (Tráfego).

Apoio: Assessoramento COC (Elson Mattos, Maria Vilma Salles Garcia, Germano A.

Zulchner Andrade, Lúcia Hippolito); Projeto Memória; Departamento de Documentação. Copidesque/revisão: Redação COC Imprensa: CDDI/Departamento de Editoração e Gráfica Distribuição COC/Galpão do Censo

Tiragem: 70 mil exemplares

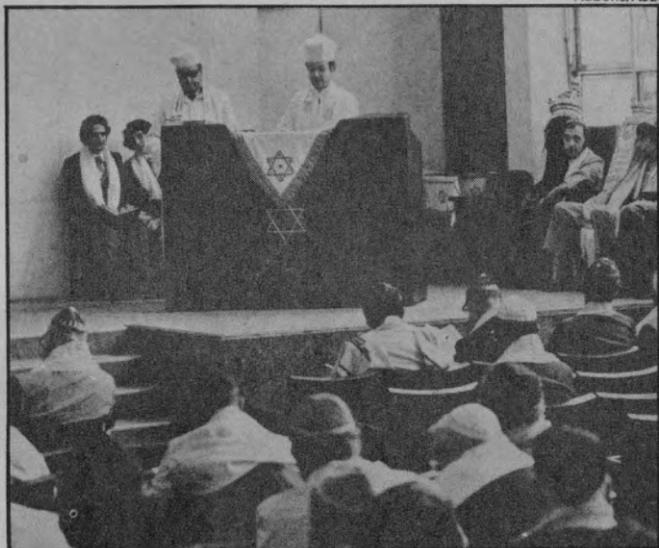
Permitida a transcrição total ou parcial de matéria publicada no CENSO, desde que citada a fonte.

CENSO, R. General Canabarro, 666 Maracanã, Rio / RJ CEP 20271
Tel.: 284-0299
Fax 254-3662
Telex 2135069

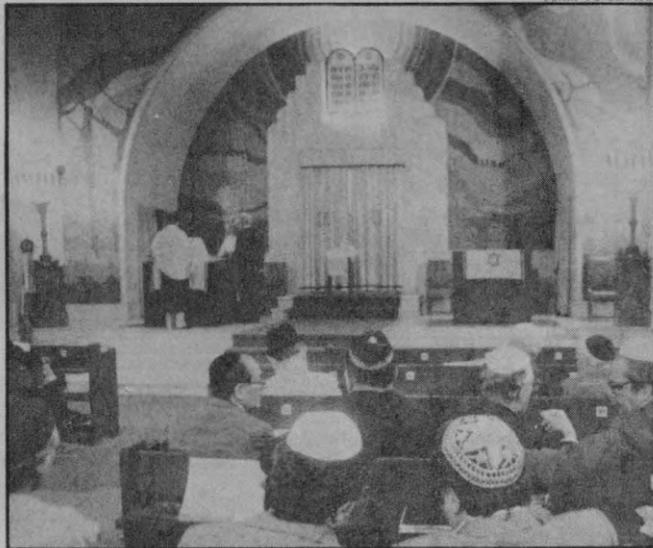
Uma história que vem de longe

Censo é coisa que vem de longe. A China faz censo há mais de quatro mil anos. No Egito, um milênio e meio antes da Era Cristã, o faraó Ramsés II determinava o levantamento da população. A vida de Cristo está ligada a episódio de censo. Nos primórdios havia mesmo, por parte dos governantes, a intenção de saber quantos eram os cidadãos, a fim de definir cargas tributárias ou recrutar soldados para as guerras. Como se vê, o povo, ao relacionar censo com imposto de renda ou convocação militar, tem lá suas arraigadas razões históricas. Nesta reportagem, Marcia Grinspun fala sobre o Censo entre um dos povos mais antigos do mundo – os judeus.

Rubens/AJB



Almir Veia/AJB



“Recebi a soma de toda a congregação dos filhos de Israel, por suas tribos, segundo seus pais, segundo o número dos nomes, todo o homem cabeça por cabeça. Da idade dos 20 anos em diante, todos aqueles que saem do exército em Israel; a esses contareis por suas turmas, tu e Aarão...” Este é um trecho do quarto livro do Pentateuco, o Badmibar, onde Deus anuncia a Moisés sua missão e mostra que, já naquela época, havia a preocupação em recensear o povo.

O Pentateuco são cinco livros que abordam vários aspectos da religião judaica. O Badmibar, que em hebraico significa “No Deserto”, conta a história dos israelitas em sua longa permanência no deserto do Sinai. O livro também é conhecido como Aritmoi, que quer dizer Números, ou ainda Humash Hapekudim, traduzido como O Livro dos Censos.

Para os judeus, o Censo demonstra àqueles que vivem em comunidade, que o povo nada mais é do que

um agrupamento de indivíduos. Eles dependem de seu valor individual para auto-afirmação perante a sociedade. Isso porque no judaísmo a união de indivíduos perfeitos gera um povo igualmente perfeito. Cada homem deve conhecer o próprio valor e, como para ele o mundo foi criado, tem a enorme responsabilidade de alcançar um mundo melhor.

Segundo Jacob Blumenfeld, Rabi-Chefe da comunidade judaica ortodoxa do Rio de Janeiro, os israelitas passaram por vários Censos nos quais não eram realmente contados. “Cada pessoa dava a metade de uma moeda e assim era contada a população. Isso era feito, porque Deus abençoa algo, ou alguém, quando não há uma contagem direta” - explicou ele.

“Os judeus contam os anos, dias e pessoas, de formas diferentes das habituais. Os anos são contados a partir da criação do mundo, há 5.752 anos, e os dias começam ao pôr-do-sol. Os israelitas já contaram 40 anos no deserto, dez

mandamentos e 12 tribos, além de milhões de vítimas ao longo da História”. Como se vê, um povo ligado a números.

Para o rabino Blumenfeld, o Censo 91 é relevante pela possibilidade de mostrar quantos praticantes do Judaísmo há no Brasil

Em Israel

A população de Israel deverá ultrapassar a casa dos 5 milhões de habitantes ainda este ano, sendo que 4,1 milhões de israelenses são judeus, 695 mil muçulmanos, 120 mil cristãos e 85 mil drusos segundo dados atuais do Escritório Central de Estatística de Israel. A população judaica cresceu 6,7% este ano, o que representa 256 mil novos habitantes. Cerca de 350 mil judeus soviéticos já emigraram e o país recebeu 2,15 milhões de imigrantes desde 1948 quando foi criado Estado Judeu.

Israel é territorialmente menor do que o estado de Sergipe (são 20.770 km contra 21994 km) e comporta uma população aproximadamente 4 vezes maior do que o segundo menor estado brasileiro.

Icó quer informação em Posto de Coleta

O pessoal do Posto de Coleta de Icó, no Ceará, criou o Jornal do Bom Censo, veículo de divulgação das atividades censitárias, que está interessando e mobilizando a população local. O Jornal do Bom Censo é semanal e suas matérias, além de nada ficarem a dever ao jornalismo convencional, são fontes importantes para a história do Censo 91. O editor José Teógenes Abreu nos enviou uma coleção, destacando o artigo em que reivindica do IBGE o estabelecimento de um esquema de informações sobre o Censo e seus resultados, a partir do próprio Posto de Coleta, segundo ele, a célula do IBGE mais próxima às comunidades, de onde as informações emanam. “A divulgação dos dados censitários é a primeira satisfação que o IBGE dá às comunidades. É a prestação de contas ao contribuinte”, escreve Teógenes no Jornal do Bom Censo nº 4.

Devidamente autorizados, transcrevemos uma das reportagens do jornal cearense, ilustrada por Kildere.



Os vizinhos complementares

O nosso amigo José Kelsen em suas andanças pelo Conjunto Pedrinhas, deparou-se com um prédio de entradas independentes. Em um domicílio residia um deficiente visual; em outro, um deficiente auditivo. Quando o Recenseador se aproximou, o surdo viu e avisou:

– Vem chegando alguém aí, cumpade!

– Sei cumpade, e ele está dizendo que é recenseador do IBGE, respondeu o cego.

– Cumpade, ele tá mostrando a carteira, pra dizê que ele é quem diz sê.

E assim foi: no questionário do

cego, o surdo ajudou, trazendo a papelada e lendo, para a informação do recenseador. Já no questionário do surdo o cego colaborou, dando bons gritos ao seu ouvido, para que fossem ouvidas as perguntas de Kelsen. Isto é o que se chama de política da boa vizinhança.

Com a bola toda

Algumas das matérias abordadas em censo vêm despertando o interesse da grande imprensa, bem como dos noticiários e programas de rádio e televisão. Listar todos os veículos da mídia que se detiveram nas nossas matérias, ou citar títulos de programas é impossível em nosso espaço modesto. Mas ficamos orgulhosos, por exemplo, com a transcrição integral no jornal *A Tarde*, de Salvador do artigo da ibegeana Marlene Vaz (“Os negros abrem o Censo na Bahia”), realizado por sugestão nossa (censo nº 4). Muito gratificante também foram as referências nas principais rádios e TVs às abordagens de Austragésilo de Athayde (nº 1); Rachel de Queiroz e Nelida Pinon (nº 3); Corina Serpa (nº 5) e Stephan Schimidheiny representante da ONU na ECO 92 (nº 6), que nos concedeu entrevista exclusiva. São bons retornos que a equipe de censo quer dividir com seus leitores em todo o Brasil.

Projeto Escola: IBGE visita casa de crianças carentes



Para a ibgeana Marli da Costa, exercer a solidariedade para com as crianças e velhos do Lar Fabiano de Cristo é uma razão de vida. Todo ano ela organiza, em sua própria casa, um animado chá de amizade para os idosos

Mais de 400 crianças carentes participaram, no último dia 4 de outubro, das comemorações do 10º aniversário do Lar Fabiano de Cristo. A festa foi na Casa Valentina, em Deodoro, subúrbio do Rio, e contou com a participação da equipe de divulgação do escritório regional do Censo 91.

O Lar Fabiano de Cristo tem 45 casas espalhadas pelo Brasil, onde, segundo seu presidente, Pedro Richard, são assistidas cerca de 35 mil pessoas, entre crianças e adultos. A equipe de divulgação foi distribuir o material do Projeto Escola, que será aplicado em dez turmas da Casa Valentina e nas outras 13 casas do Lar situadas no Rio.

Segundo a Diretora da Casa Valentina, Zani Augusto dos Santos, a proposta do Projeto Escola foi mui-

to bem aceita e já houve inclusive uma reunião com as orientadoras para discutir a aplicação do programa educacional do Censo 91.

“Nós vamos simular um Censo. As crianças vão ter crachás, pastas e um questionário com perguntas fáceis, para fazer uma pesquisa nas casas vizinhas. Já os mais velhos irão fazer trabalho de pesquisa mesmo” – explicou a diretora.

Marli: a fada madrinha das crianças carentes

Marli Oliveira da Costa de 46 anos é telefonista da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE), há 19 anos e há dez anos trabalha como voluntária no Lar Fabiano de Cristo, onde é conhecida como “madrinha das crianças”.

Para ajudar as crianças carentes, Marli conta com a ajuda de seus

colegas do IBGE, vizinhos e amigos, a quem pede doações de roupas, brinquedos e cobertores, além de arrecadar fundos para a compra de alimentos e material de construção para as famílias.

Marli fala de seu trabalho com muito orgulho e apesar das dificuldades, garante que é gratificante: “é um trabalho muito cansativo, mas compensa quando eu vejo o sorriso no rostinho das crianças.” – disse.

O trabalho da “madrinha” não para aí. Pelo menos uma vez por ano, Marli reúne em sua casa cerca de 30 idosos para o que ela chama de “chá agradável dos vovozinhos”, onde distribui muitos presentes e bate longos papos.

Telma Lomba de Oliveira – Equipe de Divulgação do Escritório do IBGE, no Rio

Catira da Dona Anísia

O Brasil é rico em manifestações folclóricas dramáticas, através das quais o povo comenta e reinterpreta fatos e acontecimentos. Um dos exemplos mais conhecidos é o Bumba-Meu-Boi que, originalmente, tratava da morte e do renascimento do boi, em meio à crônica de ocorrências cotidianas e históricas. Os versos populares, as cantigas, algumas maneiras de dançar, são fragmentos dessas manifestações. Como a catira que Dona Anísia conhece e canta há mais de 40 anos, recolhida em Luiziânia (ver box). A catira da Dona Anísia refere-se ao Recenseamento Geral de 1940.

Catira

Na era de trinta e nove, essa era que começou; fomos todos recenseados, no livro do recenseador vai sair os empregados? percorrendo os moradores, e isso é ordem de Getúlio, pois foi ele que mandou.

Pergunta pela porcada, e também pela produção. O produto do Brasil? tem sido recordação. Perguntam pela porcada e também pelos bois carreiro pois querem saber de tudo lá no Rio de Janeiro

eles fazem tantas perguntas, que eu não sei prá que que é, laranjeira, limoeiro, e quantos pés de café, quantos cachos de banana, e quantas mangas deu no pé.

Eu espero que este censo venha melhorar a vida dos homens e das mulheres.



No universo rural brasileiro, os mais velhos vão preservando e transmitindo a cultura popular.

Iraci Cândido sabe das coisas



Iraci Cândido dos Santos, Supervisor do Censo em Luiziânia, Goiás, é pessoa de muitos títulos e habilidades. Na carta que nos enviou, apresenta-se com um currículo fantástico: “teólogo, pastor, escritor, corretor de imóveis, advogado, versado em espanhol etc.” Conta-nos também um pouco da sua vida pessoal (é primo do Walter, “que servia ao Brasil como motorista do nosso amado e saudoso presidente Juscelino”) e fala das atividades profissionais, sempre ligadas ao ardente desejo de servir ao País. Iraci está orgulhoso em participar do Censo 91. Para tanto, desistiu até de montar seu escritório de advogado em

Goiânia, “deixando isso para depois do Censo”.

O entusiasmo de Iraci Cândido é impressionante: “Saio de bicicleta, remapeando alguns setores, loteamentos novos, velhas ruas, praças, hospitais, igrejas, cercas de arame, etc. Tudo isso é muito gratificante, não pelo salário, mas porque sirvo ao meu País. Quem sabe um dia eu serei um funcionário de carreira em algum órgão governamental? Nada é impossível para Deus.”

Além de todos os títulos, Iraci é ainda um atento observador da cultura popular. Na função de Supervisor Censitário, recolheu a catira inédita que nos enviou.

Seu Dino de Ipirá, O Andarilho dos Sertões

Em busca do mais velho recenseador do Brasil, a baiana-ibegeana Marlene Vaz internou-se no sertão do seu Estado, e lá topou com "um homem esquivo, ágil, lúcido" que, a despeito dos 85 anos, percorre os caminhos de sua terra, em busca de brasileiros prá contar. Uma bela reportagem, a da socióloga Marlene. Uma bela aventura, a de Seu Dino, a aventura de viver. Um belo exemplo de que se pode envelhecer com dignidade. Envelhecer sem ficar velho, gasto, acabado. Envelhecer mantendo a inteireza de ser humano.



Bernardino Souza de Almeida, 85 anos, lavrador, casado em "segundas núpcias", Recenseador desde 1950, brilham os olhos azuis quando conta: "Não sei o que é um banco de escola. Meu pai me ensinou o 1º livro, o 2º já foi por minha conta. Com 8 anos fui trabalhar na enxada, com 12 fui tanger boi. Em 40, fui acudir um vizinho, porque o Recenseador chegou, ele tremeu, chiquiou. Acomodei tudo e pedi um questionário. Li, aprendi e até hoje guardo. Um amigo, me chamou prá trabalhar no Censo de 50, porque aqui sou parente de todo mundo. Recebi o questionário, o papel era igual a mata borrão, com lápis-tinta de ponta feita na faca, a tinta grudava no papel, não apagava. Daí, não me ensinaram nada, só os da cidade tomavam treinamento, me jogaram

numa guariba, numa venda, o moço recusou informação, mas consegui. No 1º dia, errei tudo, mas aprendi.

No Censo de 60, teve teste, todo mundo de paletó de brim domingueiro, e eu com meu sapatim de vaqueiro véio, chapéu de couro... Passei, fui prá Utinga, terra de gente feroz, mas eu não me avexei; não informa hoje, informa amanhã. Em 63 fiz CEPAGRO, Torres fez maldade comigo, caminhei 16 km prá fazer 17 unidades. Já fiz Econômico, Escolar, PNAD, tudo, mas a senhora não vê, esse ano colhi muito feijão e milho, mas tô aqui, porque minha cachaça é o Censo Demográfico. Chego nas casa e digo: lembra de mim? Tive aqui faz 20 ano.

Aprendi o nº da SUCAN, conser-to limite, não me asso com recusa, sou maneiro, uns não sabe o que é o Censo, mas com dois dedo de prosa já me mostra o caminho da porteira. Quando escuto dizer - menino, vá buscar um café pro Seu Dino - já sei, acabou a prosa, e não tem almoço. Procuo um cajueiro e vou comer minha sardinha na sombra. Mas como o de comer que me oferecem, prá não dizer que tô excusando as pessoa. Já sei quando o marido é brabo, mulher é só prá trazer os registro dos menino.

Censo 91, já fiz três setor, com 310, 34 e 126 domicílio. Amanhã vou caminhar 15 km, tomar sol e me molhar no orvalho. E se Deus quizer vou fazer o Censo 2.000.

- Mas Dona, quando é que vão me pagar?



com a participação de 33 agências de publicidade e propaganda, para se chegar à licitação com 21 agências, de onde saiu vencedora a Denison Propaganda, de São Paulo".

Além de cartazes, as SDDI, agindo de acordo com a realidade de cada região, conseguiram incluir mensagens da campanha em contra-cheques, contas de luz e gás, sacolas de supermercados, vales-transportes, sinalização de estradas, tabelas de táxis e até histórias em quadrinhos, tudo feito praticamente sem nenhuma despesa para o IBGE.

Já a campanha desenvolvida pela Denison Propaganda junto à mídia (rádio, jornais, revistas, e redes de televisão), foi dividi-

da em três etapas: a primeira, considerada de lançamento, foi veiculada durante o mês de setembro; a segunda fase, chamada de sustentação, transcorreu durante o mês de outubro; e agora em novembro está sendo feita a etapa final de divulgação do Censo 91.

A campanha do Censo 91, desenvolvida pela Denison, contou com Raul Cruz Lima, José Ferreira Caetano, Laerth Pedrosa, Rodrigo Pereira, Si-gueru Hashimoto e Simone Fonseca na criação; Sergio Amado, Plínio Pereira e Sílvia Guarnieri, no planejamento; Sergio Amado e Cristiano Cor-rêa no atendimento.

Paralelamente houve todo um trabalho desenvolvido pela

**AJUDE
O BRASIL
ATER
UM BOM
CENSO**

O Brasil está realizando o Censo 91. Reciba o recenseador do IBGE e dê informações corretas. A qualidade de suas respostas vai construir o Brasil do século 21.

**CONTE COM
A GENTE**

COC, como o Projeto Escola, para divulgar o Censo junto às crianças; o Projeto Síndico, para facilitar o acesso dos recenseadores; e o próprio jornal **censo**, além de outras atividades.

Gerando Propaganda

ATENÇÃO SR. PRESIDENTE DO IBGE

Compre meias **KENDALL** para suas pesquisadoras, na grande promoção das lojas **JOGÊ**.
Você compra 2 e leva 3.
E elas vão sair confiante por aí.

Jogê

Participação de 10 a 25 de desconto em compras de 100 reais ou mais.

A melhor propaganda é a que se auto-alimenta, gerando mais propaganda. Colher esse resultado é sonho de qualquer publicitário. Trata-se daquela propaganda que, além de carregar o produto, o faz com tanta eficiência que seus bordões e temas caem no gosto das pessoas e até se incorporam ao imaginário.

Há exemplos clássicos. Peças publicitárias como as das sopas americanas Campbell são hoje tidas como obras de arte contemporânea. Outras viraram crônicas de época, como a que anunciava um anti-tosse dos tempos da vovó, o Rhum Creosotado, apresentado ao público através de versinhos que nunca mais ninguém esqueceu: "Veja, ilustre passageiro/O belo tipo faceiro que o senhor tem a seu lado./E, no entanto acredite quase morreu de bronquite./Salvou-o o Rhum Creosotado".

A ilustração ao lado, das meias Kendall e um grupo de lojas paulistas é caso típico de publicidade gerando boa propaganda e se incorporando ao trabalho de divulgação que leva o Censo 91 ao seu alvo, através de chamadas que hoje aparecem até em sacolas de supermercados e ventarolas de escolas de samba.

Planejamento de Mídia

Os resultados do Censo 91 estão sendo ansiosamente aguardados pelo mercado publicitário brasileiro. A pesquisa que o IBGE está realizando vai possibilitar uma visão mais detalhada do mercado e do consumidor, seja ele economicamente ativo ou não.

O Censo de 80 está sendo utilizado até hoje pelos setores de mídia

das agências e, embora venha sendo periodicamente revisto pela Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD), já não está tão atualizado. O Censo ora em andamento vai fornecer informações e indicar segmentos, rumos e comportamentos do mercado.

Como ferramenta de trabalho, junto com outras formas de aferição

como Ibope, Marplan, Datafolha etc, os resultados do Censo 91 serão extremamente importantes, não só para o planejamento de mídia, como também para o planejamento estratégico de comunicação e de marketing como um todo.

Cristiano Corrêa
Denison - SP

Publicidade ajuda País a ter um bom Censo

Num País de tantas diferenças sociais, culturais e econômicas, uma das principais dificuldades encontradas pelo IBGE foi a divulgação do Censo 91, junto à sociedade. Conscientizar as pessoas da relevância de um Censo para toda a população, em termos de definição de iniciativa e investimento, não apenas no setor governamental, como também na área privada, foi um dos objetivos traçados.

Um dos principais problemas enfrentados foi, sem dúvida, o receio da maioria das pessoas de receber o recenseador em casa, em função da violência nas grandes cidades. Para "desarmar espíritos" foi desenvolvido um amplo trabalho não apenas na área de publicidade, mas também com seto-



res organizados da sociedade, de maneira a que cada um prestasse sua colaboração.

Segundo a assessora da Coordenação de Acompanhamento e Controle Operacional dos Censos (COC), Lucia Hippolito, a principal preocupação foi a descentralização de todo o

trabalho, de modo a adequar às características de cada região as diretrizes básicas traçadas para divulgar o Censo 91, em todo Brasil.

"Dividimos todo o trabalho em duas partes. Uma de divulgação utilizando a própria estrutura do IBGE, onde houve ampla liberdade para que cada Setor de Documentação e Disseminação de Informações (SDDI), adequasse as diretrizes básicas às várias regiões e outra com a contratação de uma agência de publicidade" – explicou a assessora.

De acordo com Lucia Hippolito "partindo de uma diretriz básica os SDDI nos diversos Estados realizaram um belíssimo trabalho junto a confederações e federações de indústrias, sindicatos, clubes de serviços, igrejas, governos estaduais e municipais".

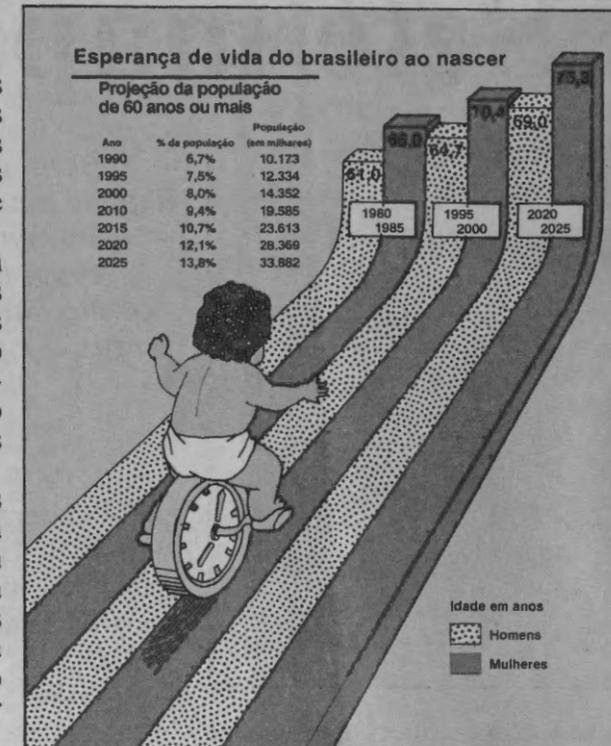
Na área de publicidade, a assessora esclareceu que "foi formada uma Comissão de Licitação, presidida pelo chefe de gabinete da presidência do IBGE, Fernando Abrantes. Houve uma pré-qualificação

A virada da terceira idade

A Organização Mundial de Saúde caracteriza como "pessoas de terceira idade" os maiores de 65 anos. Cresce cada vez mais o número de idosos que buscam serviços e atividades produtivas após se aposentarem. Com isso já estão se multiplicando as escolas, cursos, clubes bem como programações especiais de rádio e TV voltadas para a terceira idade.

Os orientais e os povos ditos "primitivos", sempre trataram os seus velhos com muito respeito. Na China, por exemplo, eles trabalham junto às crianças de suas comunidades, para elas passando os princípios da cultura tradicional do povo. O mesmo não ocorria no ocidente, onde se desenvolveu um comportamento de supervalorização do corpo jovem e apolínio tão explorado como motivação e argumento de venda de produtos de consumo. O ocidente estigmatizou os velhos.

Agora, felizmente as coisas parecem estar mudando. As pessoas da terceira idade reúnem-se para discutir a sua própria condição, reivindicam o exercício livre da sexualidade, dirigem suas antenas para o mundo. A mídia já está registrando a mudança e é cada vez mais frequente ver-se pessoas idosas namorando em novelas. É o caso de "O Dono do Mundo" da TV Globo. Os idosos estão fazendo teatro, viajando pelo mundo, amando e se amando. Enfim, recusam-se a se aposentar da vida.



Projeções animadoras

A revista Domingo nº 748 do Jornal do Brasil, publicou matéria de capa sobre a terceira idade. Nela, a chefe do Departamento de População do IBGE, Valéria Motta Leite faz projeções animadoras sobre as

pessoas com 60 anos ou mais. "Se em 1940 o brasileiro nascia com a expectativa de viver em média 42 anos, em 1980 (ano do último censo) esse patamar já chegava aos 59. No ano 2.025 a projeção é que o Brasil terá 34

milhões de idosos, o que equivale a 13,8% da população". Por conta desses dados, Valéria proferiu conferência em junho no Curso de Altos Estudos de Política e Estratégica na Escola Superior de Guerra, a ESG.



Sete mapas astrológicos influenciam o Censo



O Brasil é Virgem, mesmo signo sob cuja influência iniciou-se o Censo 91. O presidente Fernando Collor é Leão, e o IBGE tem data de fundação em Gêmeos. Segundo os astrólogos, essas conjugações são capazes de exercer influências fortes sobre o trabalho de contagem da população que ora se realiza. O grande interesse sobre a reportagem do censo na ótica exotérica (nº 7) levou-nos a abordar também o aspecto astrológico. Entrevistamos um dos mais famosos astrólogos brasileiros, Antônio Carlos Harres, mais conhecido como Bola. Na sua especialidade, ele presta consultoria a algumas das mais importantes empresas do país e a políticos, artistas e personalidades. Nós mesmos testemunhamos a presença e a solicitação intensa de consultas por parte de clientes, cujos nomes já seriam matéria de jornal. Mas Harres nos pediu discrição, dado o caráter confidencial de seu trabalho.

O Censo começou num ano regido pela Lua, que corresponde ao inferno astral de Leão. Na ótica dos signos; o Brasil, no momento, não está atravessando um bom período. "O Censo está se realizando e desenvolvendo numa fase em que o país está bastante frágil e, certamente, refletirá isso". Bola acha que "o país está de baixo-astral e a crise não se resolverá antes dos próximos quatro anos". Garante, porém, que a nossa vocação agrícola (que é uma das decorrências de nosso perfil virginiano, cujo elemento é a terra), poderá nos garantir, no futuro, um papel muito importante. "Essa vocação agrícola deveria ser bem emulada porque, quando os outros países estiverem exauridos e sem condições de produzir alimentos suficientes, o Brasil será interessante para o mundo. Haverá aqui plantações e colheitas abundantes".

Antônio Carlos Harres atribui nossa presente má fase à conjugação de cinco mapas astrológicos, atentamente estudados pelos especialistas e que são os seguintes: o mapa do descobri-

mento do Brasil e tomada de posse da terra por Portugal (22 de abril de 1500, primeiro decanato do signo de Touro); da chegada da Família Real ao Brasil (22 de janeiro de 1808, signo de Aquário); da Independência (7 de setembro de 1822, signo de Virgem, que é, portanto, o signo do País); da Proclamação da República (15 de novembro de 1889, Escorpião). O quinto é o mapa astrológico do Presidente Collor, 12 de agosto, signo de Leão. O mapa astral do Presidente, em si, é bom, no que diz respeito a ele mesmo e a seu universo particular (embora não se deva esquecer que 91 é inferno astral dos leoninos). Mas no cruzamento com os outros quatro não dá um resultado tão positivo quanto desejaríamos todos.

Bola analisa o País como um ser vivo, a terra brasileira. Apesar das dificuldades, vê perspectivas de melhora. "Estamos atravessando uma crise de crescimento. Em ter-

mos de natureza, nós nos situamos, no momento, entre o outono e o inverno. Mas as nossas raízes, plantadas no seio da terra

mãe são fortes e boas e o futuro é promissor. A crise do país decorre de desequilíbrios históricos, que iremos superar na

medida em que formos crescendo e conquistando a independência econômica. A terra mãe quer ser melhor dividida, para que os recursos sejam melhor aproveitados e possamos assim encontrar soluções para os nossos problemas sociais, econômicos e políticos".

O Censo 91 começou sob o signo de Virgem, mesmo signo do Brasil, considerando a data da Independência. A síntese astrológica de Virgem é a expressão "eu analiso"; a coleta se encerrará sob o signo de Sagitário, que tem na expressão "eu vejo" a sua síntese verbal. Somando-se tudo, há sete mapas astrais influenciando o Censo: os cinco ligados ao Brasil, o perfil astrológico do IBGE e o próprio mapa correspondente ao dia em que o Censo começou.

Para o astrólogo Harres, a questão da terra e da justiça social são desafios que os astros propõem ao Brasil para que o País supere suas crises.

Gêmeos e Virgem somando boas energias

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística instalou-se sob o signo de Gêmeos (29/5/36), que é regido por Mercúrio, planeta ligado à comunicação, à informação, à pesquisa e à racionalidade. O elemento de Gêmeos é "ar"; a cor, o lilás; a pedra, a esmeralda. Para os geminianos, a expressão astral mágica é "eu vou".

Gêmeos encontra o seu paraíso astral em Libra, o signo do equilíbrio. Mas Touro é o inferno. Este ano os geminianos gozam do favorecimento de três astros, além do regente Mercúrio. São eles a Lua, Marte e Plutão. De Mercúrio os geminianos recebem inspiração e brilho na realização de projetos; e força para superar as dificuldades propostas por Saturno, na Casa 8 do Zodíaco.

Os astros acertaram ao prever, ainda no início de 91, que os geminianos venceriam seus obstáculos de maneira espetacular, a partir de setembro, iniciando uma temporada de alto-astral.

Foi exatamente quando o Censo, vencendo grandes dificuldades, teve o seu início, sob o signo de Virgem.

Mapa astrológico do Brasil

